

Paisagem-texto, paisagem-tempo: deslizamentos do meio impresso para o digital

Doutora Claudia Zimmer de Cerqueira Cezar (IFC)

Doutora Marina Bortoluz Polidoro (UFRGS)

Gabriela Berghahn Santana (UFRGS)

INTRODUÇÃO

A partir da experiência de adaptação de trabalhos da artista Claudia Zimmer para a exposição *on-line* intitulada "Paisagem-texto, Paisagem-tempo", propomos uma reflexão sobre desdobramentos possíveis das formas de apresentação na arte contemporânea e de trânsito entre as linguagens. Considerando as especificidades do meio *internet*, a adaptação não poderia ser apenas uma transposição, como um registro dos trabalhos físicos. Estes, cartazes em grande maioria, possuem uma qualidade gráfica marcante, própria do nato-digital e provocou, em parte, a escolha para o desenvolvimento das versões *on-line*.

Em seus trabalhos, Zimmer tem interesse pelo tempo que faz lá fora e pelo tempo que passa, assim como por títulos, propondo coincidir paisagens-textos-tempos. Para a artista, entre o céu/sol e a terra há um mundo de possíveis. Como um terreno que muda com deslizamentos lentos, porém numa dinâmica constante, há preciosidades (res)guardadas que podem irromper numa terceira paisagem ocorrida na sucessão temporal. Retornar do impresso para o digital, faz surgir a possibilidade de inclusão de interatividade nos cartazes. A interatividade acrescenta um outro tempo à poética de Claudia Zimmer, já que aquilo que aparece de uma só vez no cartaz, a versão digital revela em partes, vinculada à ação do *mouse*.

Diante disso, esta comunicação apresenta o processo de adaptação das obras, discutindo as escolhas feitas tanto em relação à poética da artista quanto à qualidade do meio digital e da *internet*. Ou seja: compartilhamos a experiência prática da criação e da adaptação, que entendemos ser técnica, porém intimamente ligada ao pensamento de Zimmer e as possibilidades poéticas do meio. A reflexão surge a partir desse fazer em contato com a bibliografia já estabelecida da área.

CONTEXTO

A exposição **Paisagem-texto, paisagem-tempo** esteve *on-line* de abril a novembro de 2021 e o desenvolvimento da curadoria iniciou a partir de uma seleção de trabalhos pré-existentes de Claudia Zimmer, para serem adaptados para a internet. A partir da imersão no processo de trabalho de Zimmer, definimos como conceitos-chave da exposição a paisagem, a palavra e o tempo e convidamos mais cinco artistas cujas pesquisas poéticas também abordam essas questões: Denise Helfenstein, Fabíola Scaranto, Fran Favero, Mayra Martins Redin e Pauline Gaudin.

A exposição ocorreu na Plataforma Verter, espaço *on-line* para exposição de trabalhos artísticos realizados para a *internet*. A plataforma foi lançada em 2019 e é resultado de pesquisa coletiva realizada no Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e também envolve os e as artistas que aceitam os convites e as provocações de criar ou adaptar trabalhos artísticos para a internet. Como é um espaço de exposição também gera ações de extensão e funciona como laboratório prático de experiências com a graduação. Dessa forma, a Verter vem realizando exposições periódicas com curadoria e artistas convidados e também com os resultados de atividades de ensino na graduação.

OS TEMPOS DA PAISAGEM: DESLIZAMENTOS

Os cartazes criados por Claudia Zimmer fazem parte de um grupo de trabalhos que pensam a relação da paisagem desdobrada pelo texto e no tempo, ou nos tempos. Entre a cronologia e a meteorologia há um terceiro tempo, uma terceira paisagem que desponta de nosso interior frente às coisas e/ou frente às situações. Qual o nosso tempo diante daquilo que (nos) acontece? Diante daquilo que (nos) passa? Como nos diz Michel Serres (1994, p. 36): “Como desenhar, então, em meio ao tempo que faz lá fora e o tempo que passa, uma terceira paisagem?” É ante esse desafio de Serres que foram se configurando as terceiras paisagens que Zimmer elaborou de forma gráfica.

O processo de desenvolvimento das versões para a *internet* envolveu uma aproximação para compreensão do processo de criação, em especial, dos jogos poéticos com as palavras, as cores e a diagramação dos elementos na página - que reforçam o texto como paisagem; a linha como horizonte. Do ponto de vista técnico, objetivamos trabalhar com as características do meio *internet* (diferenciando *meio* de *ferramenta*, como alertado por Christiane Paul, 2008), especialmente no que diz respeito ao tempo real de processamento nos navegadores e diferentes dispositivos de acesso e a interatividade. Com a linguagem *HTML* e *JavaScript*, mais especificamente utilizando o *Processing* e *p5.js*, conseguimos gerar interação entre o público e a obra. Tal interação parte do uso do *mouse* e da tela, assim cada pessoa relaciona-se com as obras em tempos diferentes.

Ao todo, realizamos a adaptação de quatro trabalhos, *nada de novo debaixo do sol | tudo passa sobre a terra*, *aclimatação florescente*, *mapa-múndi* e *chuva de pedra*.

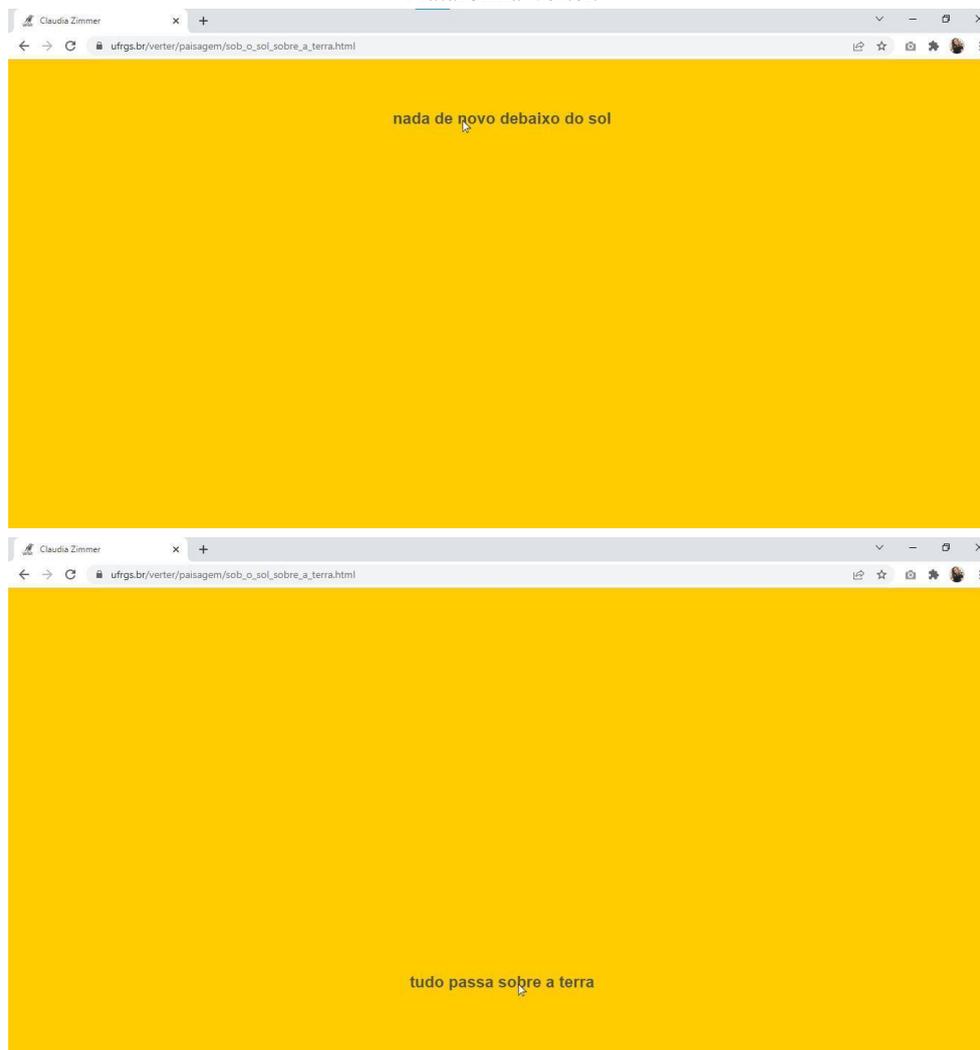
nada de novo debaixo do sol e *tudo passa sobre a terra* são dois cartazes (Fig. 1), talvez os primeiros desta série em que Zimmer fazia um levantamento de frases de origem latina que tivessem relação com o tempo. Para a artista, longe de ter algum princípio religioso que uma das frases está relacionada, era como se elas se olhassem e trouxessem uma paisagem escaldante. Diz-se que "não há nada de novo debaixo do sol" porque "tudo passa sobre a terra". Entre o céu/sol e a terra há um mundo de possíveis, um mundo de paisagens-paragens em que o tempo, como que em suspenso, parece fixar os ponteiros do relógio. Mas, engana-se quem pensa que essa suspensão é feita apenas de cenas surpreendentes, pois há também paisagens-devastações cujos horizontes apresentam-se aniquilados. Grandes catástrofes trazem o desequilíbrio à paisagem e nos transportam à sensação de que aquilo que ocorreu num lapso de segundo, impõe novamente a suspensão temporal.

Fig. 1. Claudia Zimmer, *nada de novo debaixo do sol e tudo passa sobre a terra*, 2018, cartazes, dimensões variáveis.



Foi assim que Zimmer começou a entender a questão da cor nos cartazes amarelos - cor simbólica do sol escaldante -, e os textos ora acima, ora abaixo com tom amarronzado. Se no cartaz *nada de novo debaixo do sol* a frase é posicionada na parte central acima, no cartaz *tudo passa sobre a terra* a frase fica na parte inferior central, sendo os dois apresentados lado a lado. Para a transposição ao meio digital a interação do público com o *mouse* é que faz a transição entre uma frase e outra na tela do computador, na medida em que o movimenta para cima ou para baixo (Fig. 2).

Fig. 2. Claudia Zimmer, nada de novo debaixo do sol | tudo passa sobre a terra, 2021, Net Art, versão para a Plataforma Verter.

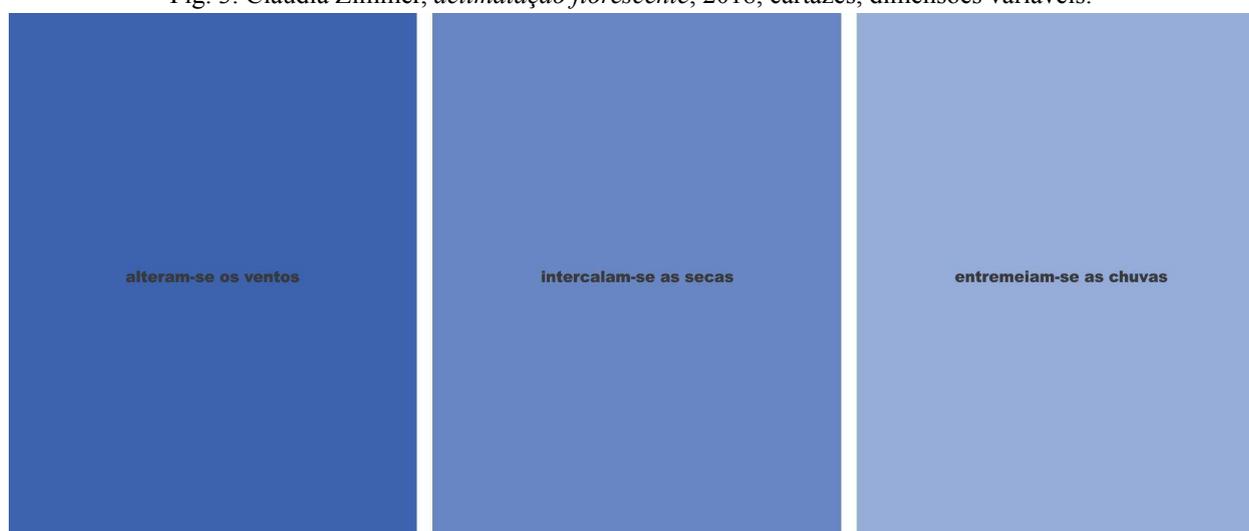


Fonte: <<https://www.ufrgs.br/verter/paisagem.html>>

Talvez sejam as oscilações das paisagens possíveis anunciadas em *nada de novo debaixo do sol | tudo passa sobre a terra* que dá origem ao trabalho *aclimatação florescente* (Fig. 3). Três cartazes em tonalidades azuis distintas, mas que seguem uma escala cromática muito próxima uma da outra. Cada cartaz possui uma frase centralizada, anunciando uma mudança climática, que segue alterando os ventos, intercalando as secas, entremeando as chuvas. Há nessas paisagens-textos uma cadência cíclica que, de alguma forma, ou se intercalarem, também se torna constante; e isso vai aparecer no título da exposição quando é construído de modo circular,

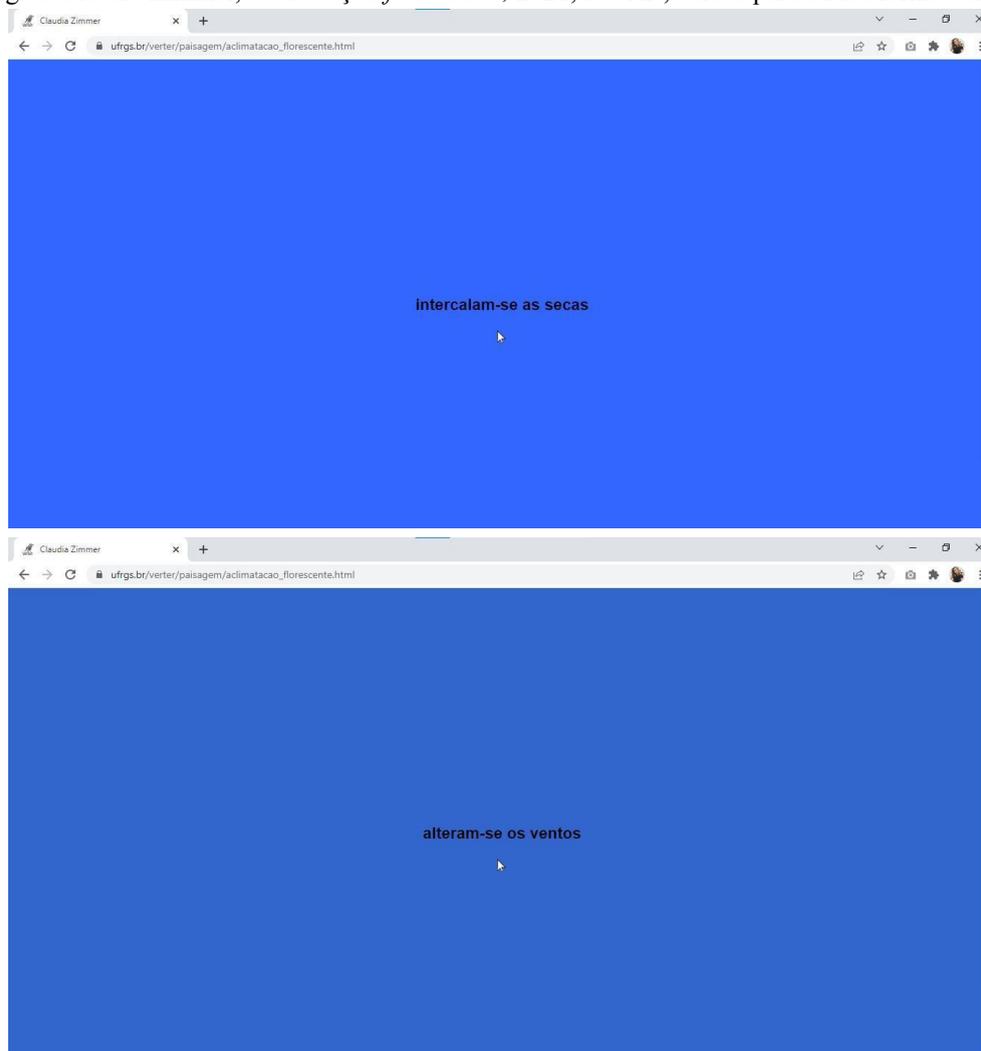
sem começo, nem meio, nem fim. Esse trabalho, ao deslizar para o meio digital (Fig. 4), compreende bem a oscilação intermitente quando se dá o comando por meio do *mouse* e passa-se o cursor pela tela do computador, pois proporcionam aos azuis mudarem gradativamente com suas respectivas frases.

Fig. 3. Claudia Zimmer, *aclimação fluorescente*, 2018, cartazes, dimensões variáveis.



Assim, os trabalhos compostos de mais de um cartaz, *nada de novo debaixo do sol | tudo passa sobre a terra* e *aclimação fluorescente*, de saída colocaram uma problemática a ser considerada: a relação entre os cartazes, a dimensão espacial da sua distribuição em espaço expositivo, na exposição *on-line* precisava restringir-se à mesma tela. O ritmo entre eles já era dado pelo espectador, seu corpo movendo-se na galeria, que direciona o olhar e a atenção entre um e outro cartaz. A solução que encontramos para traduzir esse percurso foi vincular a mudança da frase (e da cor de fundo no caso de *aclimação fluorescente*) à posição do *mouse*, permitindo que o visitante continue ditando esse ritmo, podendo ir e vir entre eles.

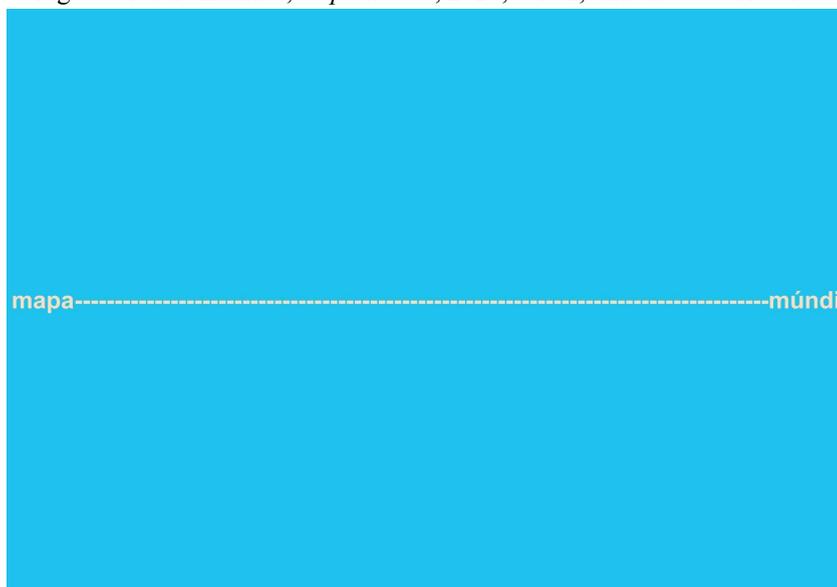
Fig. 4. Claudia Zimmer, *aclimatação florescente*, 2021, Net Art, versão para a Plataforma Verter.



Fonte: <<https://www.ufrgs.br/verter/paisagem.html>>

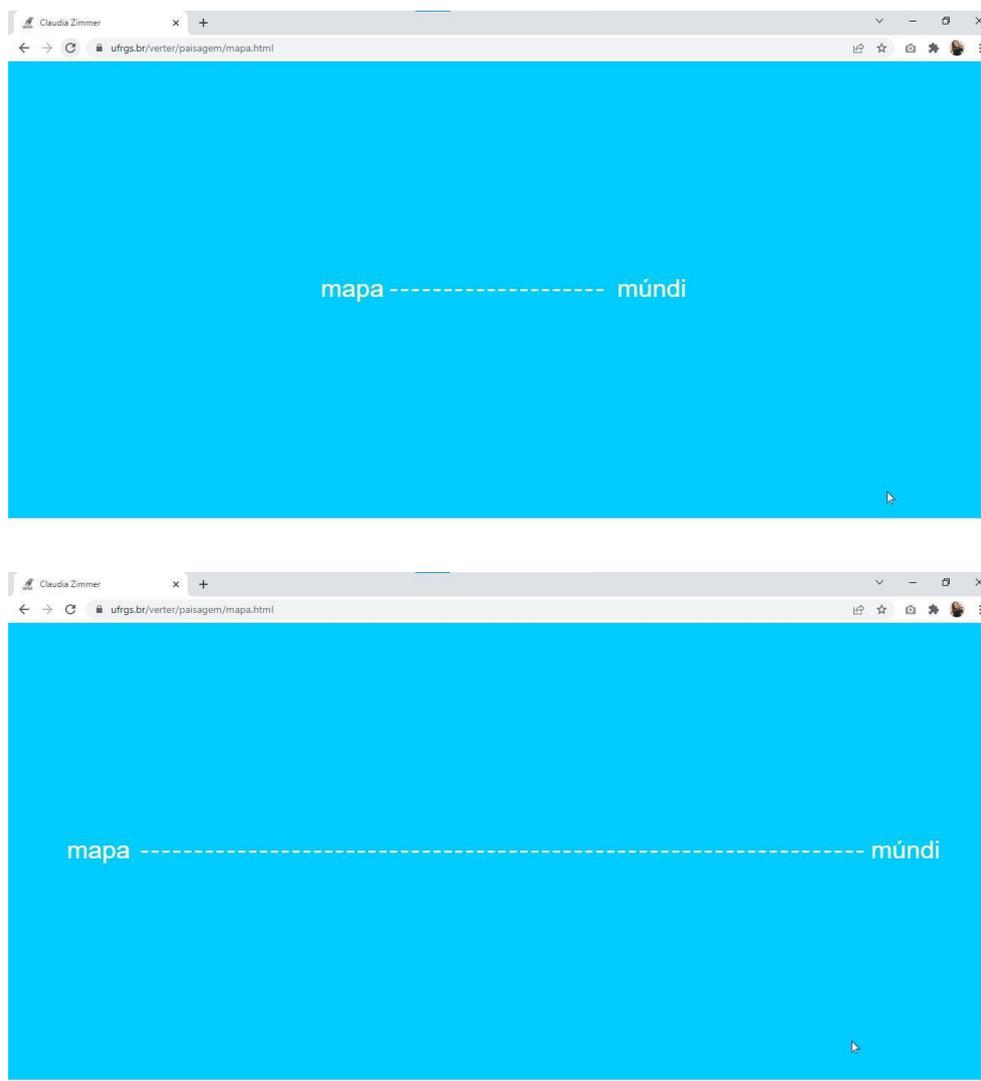
Já o trabalho *mapa-múndi* (Fig. 5), é completamente tomado pelo contexto da pandemia e surge no momento em que a artista já imersa no processo de realização de paisagens gráficas, errou a escrita da palavra mapa-múndi e colocou hífens a mais. Naturalmente, o cartaz se configurou à sua frente, com cores e formas e num afastamento totalmente impregnado da ideia de isolamento social demarcado pela linha tracejada, mas que, igualmente, criou um horizonte - um horizonte que naquele momento ainda pretendia a noção de que dias melhores estavam por vir.

Fig. 5. Claudia Zimmer, *mapa-múndi*, 2020, cartaz, dimensões variáveis.



A adaptação deste trabalho para a Plataforma Verter (Fig. 6) contou com o afastamento automático das palavras mapa e múndi à medida que os hífen surgem na tela. Neste momento, não só o afastamento acontece, como a linha do horizonte se estabelece. A inserção automatizada dos hífen anima o cartaz e evidencia a ação em que a artista baseou esta obra: a digitação repetida erroneamente de uma mesma tecla, o distanciamento imposto pela pandemia e as conexões possíveis neste contexto. Responsivo às diferentes telas, a quantidade de caracteres incluídos varia conforme o dispositivo em que o trabalho é acessado, uma vez que era importante que cada palavra alcançasse uma das margens da tela, criando um horizonte tracejado.

Fig. 6. Claudia Zimmer, *mapa-múndi*, 2021, Net Art, versão para a Plataforma Verter.



Fonte: <<https://www.ufrgs.br/verter/paisagem.html>>

Por fim, *chuva de pedra* (Fig. 7) tem uma relação direta com as intempéries e surge depois de uma chuva de granizo. Dois cartazes independentes, pois não precisam ser expostos juntos, um simula a chuva de pedra durante o dia e o outro a chuva de pedra durante a noite - daí que um foi elaborado com uma pedra branca e o outro com uma pedra preta. Para a *internet*, o trabalho teve uma adaptação bem interessante para dar a movimentação das pedras caindo

como chuva, pois se no cartaz impresso a pedra se repete numa inclinação diagonal, na Plataforma Verter ela desce pela tela verticalmente. O movimento insinuado nos cartazes pela repetição alinhada das imagens das pedras e pelo posicionamento diagonal passa a ser animado na versão para a *internet*. Também unimos os dois cartazes em uma proposição, sendo que o clique do *mouse* (ou o *touchscreen*) dispara a mudança entre dia e noite (Fig. 8).

Fig. 7. Claudia Zimmer, *chuva de pedra*, 2020, cartaz, dimensões variáveis.

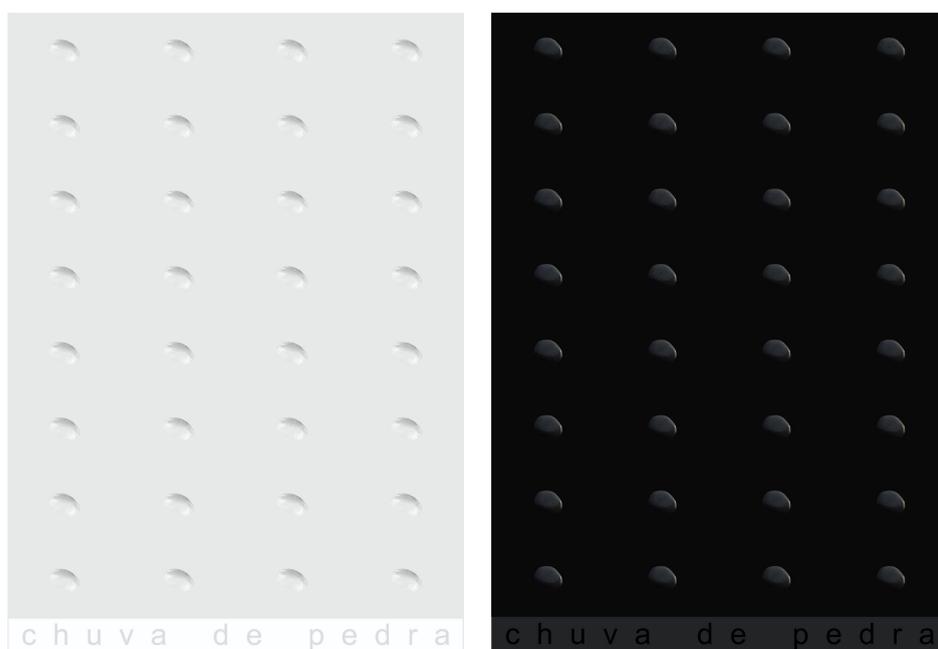


Fig. 8. Claudia Zimmer, *chuva de pedra*, 2021, Net Art, versão para a Plataforma Verter.



Fonte: <<https://www.ufrgs.br/verter/paisagem.html>>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a experiência prática que aqui relatamos e confrontá-la com a bibliografia específica da área de arte e *internet* (BULHÕES, 2011; FOURMENTRAUX, 2011; NUNES, 2010; PAUL, 2008; PRADO, 2003; QUARANTA, 2010) e também com a produção anterior resultante desta pesquisa (POLIDORO; BOCHIO; RUPP; GAUDIN, 2022) faz despontar algumas questões, que trazemos aqui como finalização deste artigo.

A adaptação de trabalhos de arte contemporânea nas exposições da Plataforma Verter, como é o caso relatado aqui sobre as obras da Claudia Zimmer, tem mobilizado um esforço colaborativo entre artistas e equipe da plataforma. Nesse sentido, é evidente que o uso da rede-*internet* facilita a rede-colaboração e também desafia que sejam inventadas estratégias de inclusão dos visitantes, explorando as possibilidades de interatividade características do meio.

O caráter dinâmico da arte digital, que muitas vezes é percebido como problema para a sua conservação, também nos provoca a pensar na arte enquanto processo: generativa, adaptável e desdobrável a diferentes formatos (saídas). De certa forma, na nossa experiência, amplia-se a ideia de responsividade, não limitada à preocupação com a adaptabilidade entre diferentes dispositivos e interfaces, mas entre os meios.

A aproximação entre o impresso, especialmente com as publicações de artista, e o *on-line*, nas proposições de *internet art*, é algo que encontra eco na bibliografia (PRADO, 2003; QUARANTA, 2010) e interessa à nossa pesquisa pela relação que os artistas estabelecem com a informação, pela apropriação dos meios de comunicação para uso artístico e por vezes subversivo.

REFERÊNCIAS

- BULHÕES, Maria Amélia. *Web arte e poéticas do território*. Porto Alegre, Zouk, 2011.
- FOURMENTRAUX, Jean-Paul. Net art. In: *Communications*, nº 88, 2011/1, p. 113 - 120.
- NUNES, F., O. *Ctrl+Art+Del: Distúrbios em arte e tecnologia*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- PAUL, Christine. *New media in the white cube and beyond: curatorial models for digital art*. Berkeley : University of California Press, 2008.
- PLATAFORMA VERTER. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/verter>> Acesso em: <23/05/2022>.
- POLIDORO, M. B.; BOCHIO, A. L. ; RUPP, B. ; GAUDIN, P. . Plataforma Verter: relato de experiência com internet art. In: *Anais do V Congresso de Extensão da AUGM*. Santa Maria: UFSM, AUGM, 2022. p. 315-320.
- PRADO, Gilberto. *Arte telemática: dos intercâmbios pontuais aos ambientes virtuais multiusuário*. São Paulo: Itaú Cultural, 2003.

CIACT07 Transcendências

Congresso Internacional
de Arte, Ciência e Tecnologia e
7º Seminário de Artes Digitais 2022

ONLINE

06 a 10 de junho de 2022

Trancendências mineiradas: perspectivas fluidas do patrimônio, museus e cidades

GT4

QUARANTA, Domenico. *In Your Computer*. Brescia: Link Editions, 2010.

SERRES, Michel. *Atlas*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

Como citar este texto:

CEZAR, Claudia Z. C.; POLIDORO, Marina B.; SANTANA, Gabriela B. Paisagem-texto, paisagem-tempo: deslizamentos do meio impresso para o digital. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA e SEMINÁRIO DE ARTES DIGITAIS, 7, 2022, Belo Horizonte. *Anais do 7º Congresso Internacional de Arte, Ciência e Tecnologia e Seminário de Artes Digitais*. Belo Horizonte: EdUEMG, 2022. ISSN: 2674-7847. p. 477-489.